

A CIDADE PORTUGUESA E A CIDADE ESPANHOLA NA AMÉRICA¹

ORLANDO RIBEIRO

Numa única parte do Mundo uma fronteira, em parte ajustada a uma série de áreas baixas ao longo de rios, do Orenoco ao Paraná, cobertas de matas e pantanais despovoados e pouco praticáveis, separa o mundo da colonização espanhola e portuguesa. Aqui se pode fazer, em áreas justapostas, a comparação entre os seus estilos e o principal instrumento de domínio da Natureza e da organização do espaço. Para compreender as diferenças entre a cidade espanhola e a cidade portuguesa da América é necessário inseri-las no contexto da grande cintura tropical e subtropical que os dois Estados peninsulares trouxeram ao convívio da Europa, iniciando uma História pela primeira vez universal.

«Podemos identificar um ponto de partida comum para ambas as políticas colonizadoras: tanto Portugal como Espanha realizaram a conquista a partir de assentos que se podem chamar urbanos» (Carmen Aranovich). Contudo, a ocupação efectiva do Brasil começou apenas em 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa: até 1650 foram fundadas 31 vilas e 6 cidades, enquanto os Espanhóis haviam criado 189 centros até 1574 e 330 até cerca de 1630. As razões desta diferença têm de procurar-se não só na América mas nas quatro partes do Mundo:

1. Portugal tinha à volta de 1 200 000 habitantes em 1527 (contados num cuidadoso «numeramento»), a população de Espanha é avaliada em cerca de 7 800 000 em 1591; só o reino de Castela, o mais povoado de todos, teria 7 000 000 no tempo dos Reis Católicos.

2. Com a conquista de Ceuta os Portugueses ocuparam de 1415 a 1513 nove «praças de África», no litoral atlântico de Marrocos, quase todas abandonadas em meados do século XVI por se tornar insustentável a sua conservação, mantendo-se a última (Mazagão) até 1769; pela maior parte providas de fortes defesas, construíram-se igrejas e

¹ Texto de publicação inédita no Brasil, extraído de: Ribeiro, Orlando. Opúsculos Geográficos, Vol.5 – Temas Urbanos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. Pp. 491-497.

residências fidalgas, mas apenas duas foram fundadas de novo: Mazagão conserva ainda em parte o aspecto de uma vila marítima da Estremadura, embora o traçado regular das suas ruas, cujos nomes portugueses os Franceses mantiveram, se tenha interrompido e emaranhado segundo as preferências das cidades muçulmanas. Os Portugueses fundaram as primeiras cidades da costa ocidental da África negra: em 1482 a feitoria de Arguim no litoral do Sahara, onde afluíam escravos mouros e negros; a de São Jorge da Mina em 1481, no Golfo da Guiné, erguida a cidade cinco anos depois; Luanda, fundada em 1576, sempre em aumento até ao enorme surto dos nossos dias devido às funções de capital de Angola e à exportação do café. Conquistaram e fundaram numerosas cidades no litoral do Oceano Índico a partir de Goa (1505), Macau, junto do porto de Cantão, onde a China concentrou as suas relações marítimas (1557), e dispersaram a sua actividade comercial e missionária desde a Insulândia ao Japão.

3. Em 1415 os Portugueses conquistaram a primeira cidade marroquina, em 1440 existia já a vila de Machico, na qual se instituiu a primeira capitania da Madeira, começada a povoar em 1425 enquanto La Isabela foi fundada por Cristóvão Colombo em 1493 na Espanhola e só destinada a vida efémera, de que apenas restam ruínas. A colonização portuguesa começou cerca de três quartos de século antes da espanhola, as primeiras fundações urbanas são anteriores de pelo menos 53 anos.

4. Enquanto os Espanhóis, depois de ocuparem as Antilhas, tiveram acesso às riquezas mineiras do México e do Peru desde o início da «conquista» que elas em grande parte determinaram, só no princípio do século XVIII foram explorados no Brasil ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Nas Minas Gerais, de 1711. a 1730, foram criadas 9 vilas (em verdade pequenas cidades), 3 naquele ano: Ribeirão do Carmo, depois Mariana (dedicado o nome à rainha mulher de D. João V) foi erguida a bispado, Vila Rica, de Ouro Preto tornou-se a sede da Capitania, Sabará o primeiro centro da exploração do ouro. Em meio século transformou-se completamente uma região inóspita e despovoada no mais brilhante centro da civilização brasileira, graças ao *rush* de brancos e mestiços e à importação em larga escala de escravos negros utilizados na minas e no garimpo ou cata do ouro e pedras preciosas de aluvião.

5. A conquista pôs os Espanhóis em contacto com as civilizações urbanas do Aztecas, Mayas, Chibchas e Incas, enquanto em todo o Brasil os índios praticavam a agricultura rudimentar e a recolecção, devendo-se aos propósitos evangelizadores dos Jesuítas o seu «aldeamento». Todas as vilas e cidades do Brasil saíram do nada, ao passo que os Espanhóis ocuparam (embora com um cerimonial de fundação) as principais cidades

das áreas onde as civilizações ameríndias se haviam erguido ao nível urbano.

As povoações fundadas por Martim Afonso de Sousa, em 1530, foram São Vicente, onde existia o mais antigo núcleo de colonização e São Paulo, que só começou a prosperar três anos depois, quando os Jesuítas fixaram nela um ponto de penetração para o interior, uma «boca de sertão», donde saíram as primeiras «entradas» e «bandeiras» para prear índios e procurar riquezas minerais. Mas os cuidados do Governo concentraram-se em Salvador, fundada pelo primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, em 1549, para se instituir nela a capital do imenso domínio português da América; logo se tornou porto de escala dos armadores da Índia, depois de uma tentativa fracassada em 1536.

As cidades espanholas das Índias são geralmente constituídas por uma quadrícula de *cuadras* a partir da Plaza Mayor, cujos ângulos são orientados segundo os pontos cardeais; nesta praça ficam a catedral ou igreja principal, a casa do governador ou máxima autoridade com residencial local, o cabildo (*ayuntamiento*); o casco urbano é definido (não menos de 600 varas a partir da praça, em cada direcção); está rodeado pelos *ejidos*, onde se instalou o matadouro e indústrias mal odorantes, as *dehesas*, pastos de utilização comum, os *montes* onde os vizinhos se podem prover de lenha, caça e materiais de construção.

A aparência irregular das cidades tradicionais do Brasil tem-se explicado pelo predomínio da colonização rural, com base na lavoura da cana-de-açúcar, sobre a vida urbana e pela ausência, na tradição urbana portuguesa, da rigorosa ordenação de tantas cidades espanholas. Essa diferença tem de interpretar-se pela convergência de várias circunstâncias:

1. A maior parte das cidades portuguesas tem um traçado irregular que provém, no Norte, da preferência, por motivos de defesa, dos sítios alcandorados, no Sul por esta mesma preferência se conjugar com o dédalo de ruas da tradição muçulmana.

2. Encontra-se, contudo, a planta quadriculada em fundações intencionais desde a Baixa Idade Média, mas raras se tornaram em verdadeiras cidades: pode citar-se a mais antiga — a Guarda — para onde se mudou em 1199 o bispado da Egitânia (Idanlia-a-Velha), cidade alcandorada num esporão da Serra da Estrela, poderosamente fortificada como sentinela de uma fronteira vulnerável.

3. Nas cidades portuguesas predominam as praças múltiplas: adro da igreja, praça de mercado, largos que resultam do simples alargamento de

ruas, rossios excêntricos e abertos para o campo, de contorno irregular e que vão do descampado à incompleta urbanização, e portanto indefinição, do seu circuito.

4. Mesmo nas cidades principais não existe um lugar central bem definido, correspondente à Plaza Mayor. Lisboa gravitou sempre entre o Terreiro do Paço, vasta praça aberta para o mar e entrada simbólica numa grande cidade portuária, onde D. Manuel edificou o Paço da Ribeira, armazém da especiaria na loja térrea e residência da corte no andar nobre, rematado por um torreão do lado do mar (esta praça é alongada e porticada, mas sem contorno geométrico rigoroso e duplicada pelo mercado da Ribeira, logradouro ainda mais irregular), e o centro social e religioso do Rossio: convento de São Domingos, Paço dos Estaus ou hospedaria onde se instalou a sede da Inquisição, Hospital de Todos-os-Santos. Aí se agitava a multidão rumorejante nas horas de convulsão política (como ainda hoje), e aí vieram a fazer-se os autos-de-fé. O Porto, antes da urbanização do século XIX, tinha numerosos adros de igreja e mercados de rua, mas uma única praça que se abria para o cais — Praça da Ribeira —, espécie de réplica de modestas proporções do Terreiro do Paço, onde desemboca a estreita Rua dos Mercadores, de que se conservam as residências burguesas e que era, ainda nos meados do século XIX, a mais opulenta do velho burgo; a Praça Nova do século XVIII só com o Constitucionalismo se tornou o foram da cidade. Évora, a mais «nobre» das cidades depois da capital, tem um centro único e bem definido, a Praça do Giraldo, de que apenas se conservam as arcadas num dos lados. Muitas das praças centrais, algumas constituídas pela urbanização de antigos rossios, são relativamente modernas. Raramente existiu uma praça municipal, as câmaras eram, até à renovação urbana do «Fomento» da segunda metade do século XIX, edifícios modestos, nem sempre providos de um largo exíguo, onde se levantava o pelourinho, símbolo da autoridade municipal.

5. A rua principal, directa embora coleante, principal eixo de comércio e de circulação das cidades e vilas — Rua Direita —, foi o único elemento de organização da planta desde simples aldeias aglomeradas até às principais cidades ou dos subúrbios que se converteram em bairros com o crescimento urbano. A Rua Direita encontra-se praticamente em todas as cidades das Ilhas Atlânticas, da África, do Oriente e do Brasil, com a mesma função de organizar um espaço urbano irregular e deslaçado. Ela apenas tem correspondência com a Calle Mayor, Calle de Comercio, Gran Via de algumas cidades espanholas, jamais com a mesma concentração de comércio, feito geralmente no recinto da Plaza Mayor. Ela existe nas

idades do centro da Península, onde pulsou, até aos tempos modernos, o coração político, económico e cultural de Espanha. Nesta enorme área predomina, dos *pueblos* à «villa y corte» de Madrid, o povoamento concentrado, com brusca separação entre as povoações e o campo. Do centro da Península e da Andaluzia atlântica proveio o maior número de «conquistadores» das Índias. Conhece-se com precisão a origem de 4815, de 1509 a 1534: o maior contingente, como é natural, provém da Andaluzia (29,4 p. 100, 17,9 só da província de Sevilha, principal porto de navegação das índias»); seguem-se Castela-a-Velha, Extremadura, Leão, Castela-a-Nova, tudo regiões interiores, que totalizam 59,3 p. 100, 88,7 com a Andaluzia. As províncias marítimas das Astúrias e da Biscaia forneceram apenas 6,5 p. 100, a Galiza 1,8 p. 100; só a «revolução do milho», que se produziu cerca de um século depois de Portugal, havia de permitir um incremento demográfico e os elevados contingentes da emigração galega moderna.

6. Enquanto a Espanha mostrava relações muito íntimas com a Itália, na altura em que se generalizavam os cânones urbanos do Renascimento e, com os Austrias, também com as opulentas e regulares cidades da Flandres, Portugal, embora mantivesse, desde a Baixa Idade Média, trocas comerciais com esta, voltou-se, desde os princípios do século XV, para a expansão ultramarina e o seu vasto império marítimo, afastando-se cada vez mais o País da sua política peninsular e passando, depois da Restauração, a viver «a espaldas» com a Espanha, ameaçadora da sua independência de pequeno Estado europeu.

7. Depois de uma primeira vaga de colonização algarvia e alentejana, apenas pressentida nas ilhas Adjacentes, deu-se, com a «revolução do milho» (introduzido no princípio de Quinhentos e rapidamente difundido no Noroeste em menos de um século) e o incremento demográfico que suscitou, o predomínio da gente do Minho e da Beira atlântica. Os Minhotos eram tão numerosos em Pernambuco nos primeiros tempos da lavoura açucareira que, em vez de «Aqui-del-Rei», se gritava «Aqui de Viana». No século XVIII Salvador «era uma colónia do Minho». No fim do século XVIII, entre as principais famílias de Vila Rica de Ouro Preto, sede do governo e principal «cidade» de Minas Gerais, provinham do Norte de Portugal 14 homens e 11 mulheres, contra apenas 2 homens e 1 mulher do Sul; de outros lugares do Brasil eram 2 homens e 7 mulheres, mais 3 estrangeiros e 3 de origem desconhecida. Em todo o Portugal atlântico prevalece o povoamento disseminado e as cidades são deslaçadas, penetradas pelo campo e insinuando nele as suas linhas de crescimento. Ao contrário da maior parte da Espanha, os limites da cidade e do campo são

frouxos e indecisos, no Porto penetrado por inclusões rurais que se conservaram até ao presente, e mesmo era Lisboa, cheia de quintais e hortas, insinuando as digitações irrieguiares da sua expansão entre campos, olivais e terras de regadio. É este tipo de cidades deslaçadas que, ao contrário das cidades de colônização espanhola, predomina nas terras de colonização portuguesa.

8. Dado o escasso número de povoadores de origem portuguesa, logo reforçados por mestiços, muitas cidades e vilas não tiveram origem num acto intencional de fundação mas desenvolveram-se, como tantas povoações de Portugal, «de maneira espontânea, por assim dizer insensível» (Leite de Vasconcellos), de *arraiais* ou *povoadores* nascidos em locais de pesca, em poisos nos caminhos ou seus cruzamentos, onde descansavam as tropas de burros, de feiras em lugares cómodos pela posição mas inicialmente despovoados (a Feira de Santana nasceu da maior feira de gado do Brasil, nos começos do século XVIII), de santuários onde se fizeram romarias (Aparecida, São Paulo, em 1717, hoje cidade de 20000 habitantes), da cata do ouro; também a maior parte dos arrabaldes se constituiu insensivelmente em torno de conventos inicialmente fora da cidade (como em Portugal), da agricultura periurbana (*quintas* em Portugal, *chácaras* no Brasil) - quando se incorporaram na cidade contribuíram para a irregularidade do contorno urbano. Estas formações insensíveis continuaram nos nossos dias, pelo desenvolvimento de povoações, que rapidamente se urbanizaram, em alguns nós rodoviários. Quase todas as cidades e vilas de Minas Gerais formaram-se de um jacto no mais rápido e mais amplo processo de urbanização que o Brasil conheceu, a que já se aludiu.

O assento irregular de grande número de vilas mineiras dá-lhes uma planta caprichosa: Ouro Preto ocupa uma série de lombas convergentes, quase todas dominadas no alto por uma igreja. Guanajuato, nascida da exploração mineira, era no século XVIII uma das mais prósperas vilas do México, porque a sua região era fértil. Ao contrário da maior parte das cidades coloniais deste país, de planta «en damero» e praça central, desenvolve-se irregularmente nas duas margens de um ribeiro tortuoso, hoje convertido na rua de acesso; coberta de açoteias mais do que de telhados, cheia de *calleiones* (*Calleioneando* é o título de uma guia literária) recorda estranhamente as cidades peninsulares em que se conservou o estilo muçulmano, aqui imposto por uma convergência do sítio e da tradição cultural.

9. Nos *virreinos de Índios* reflecte-se a preocupação urbanística, dos Reis Católicos a Carlos III; com uma administração muito mais

centralizada do que em Portugal e nos seus domínios, as plantas eram delineadas em Espanha e, nas fundações intencionais, preferiram-se os assentos planos onde a sua regularidade se podia desenvolver sem estorvos.

Sérgio Buarque de Holanda, prestigioso historiador brasileiro², pretendeu opor os centros urbanos da América espanhola aos da América portuguesa. Nos primeiros, a cidade regular é «um acto definido de vontade humana», «o esforço determinado de vencer e rectificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste». Pelo contrário, a «cidade que os portugueses construíram na América não é o produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e a sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência, sempre este significativo abandono que exprime a palavra *desleixo*».

O que fica dito procura esclarecer o problema que o ilustre historiador colocou apenas na maneira simplista de uma pretensa oposição de psicologia étnica.

² Raízes do Brasil, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1948, pp. 130-133 e 157 (citado em Aroldo de Azevedo: Vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo, FFLCHUSP, 1956